



Boletim do Tempo Presente - ISSN 1981-3384

Empatia Histórica: O uso da adaptação em quadrinhos de O Diário de Anne Frank para trabalhar a Shoah

Camila Arantes da Silva^I

Resumo: Com o intuito de abordar a Shoah na educação histórica, propõe-se utilizar como recurso didático a adaptação em quadrinhos de *O diário de Anne Frank*^{II}. Esse uso pode servir para trabalhar empatia histórica, visando a superação do conhecimento intuitivo e tornando a compreensão do passado mais complexa, conforme Peter Lee^{III}. A escolha desse recurso didático foi motivada por se tratar de uma *Graphic Novel* baseada num relato em primeira pessoa de uma vítima da Shoah.

Palavras-chave: Shoah; Empatia Histórica; Quadrinhos.

Historical Empathy: Using the comic book adaptation Anne Frank's Diary to work on Shoah

Abstract: In order to address the Shoah in historical education, it is proposed to use the comic book adaptation *Anne Frank's Diary*^{IV} as a teaching resource. This can serve to work on historical empathy, aiming at overcoming intuitive knowledge and making the understanding of the past more complex, according to Peter Lee^V. The choice of this teaching resource was motivated by the fact that it is a *Graphic Novel* based on a first-person account of a Shoah victim.

Keywords: Shoah; Historical Empathy; Comics.

EMPATIA HISTÓRICA: O USO DA ADAPTAÇÃO EM QUADRINHOS DE O DIÁRIO DE ANNE FRANK PARA TRABALHAR A SHOAH

SILVA, C. A.

Introdução

A Segunda Guerra Mundial e os assuntos que são associados a ela costumam ser dos temas mais aguardados por alunos e alunas nas aulas de História. O tema é amplamente explorado pela mídia, principalmente pelo cinema, despertando interesse nas pessoas, além de ser um dos assuntos mais cobrados em vestibulares^{VI} e no ENEM^{VII}. Dentre os assuntos que costumam ser trabalhados no contexto da Segunda Guerra Mundial, está a Shoah, extermínio judeu ocorrido no contexto da Segunda Guerra Mundial, um tema sensível que gera muita curiosidade quando abordado em aula. O evento é ainda recente, porém, os testemunhos em primeira pessoa vêm rareando com o passar dos anos, e hoje são poucos seus sobreviventes.

Apesar dos inúmeros estudos sobre a Shoah, bem como de suas consequências e a violência praticada contra determinados grupos, pesquisas apontam que cresce no Brasil o número de células com ideários nazistas. Dados mostram que a quantidade de pessoas engajadas em células neonazistas subiu de cinco mil para sete mil num período de seis meses^{VIII}. Não é incomum que alunos e alunas contestem fatos relacionados ao assunto, como o genocídio ou o alinhamento ideológico e político do nazismo. Além disso, um número significativo apoia propostas autoritárias de representantes do poder executivo e atacam minorias.

Para trabalhar a Shoah no nono ano do ensino fundamental, propõe-se utilizar a adaptação em quadrinhos de *O diário de Anne Frank*^{IX} como recurso didático do ensino de História. O intuito é contribuir para o desenvolvimento da Empatia Histórica em estudantes da educação básica. Ao trabalhar esse tema, o uso da obra visa à superação do conhecimento intuitivo, tornando a compreensão do passado mais complexa, conforme Lee^X. A escolha foi motivada por se tratar de um relato em primeira pessoa de uma vítima da Shoah. Além disso, o sujeito histórico é uma adolescente da mesma faixa etária a que se dirige a proposta, permitindo trabalhar o genocídio judeu do ponto de vista de uma jovem, o que pode promover a percepção de alunas e alunos como agentes históricos.

Discutir a Shoah enquanto um tema sensível no ensino de História permite ao mediador contribuir para a reflexão sobre posturas supremacistas e a adesão dos jovens a grupos neonazistas. É possível, também, trazer a dimensão histórica do tema para o público escolar, considerando que os usos que podem ser feitos desse passado são diversos, mas que “que o conhecimento a seu respeito pode fornecer instrumentos de análise para entender o presente e que a memória da Shoah carrega consigo um legado ético.”^{XI} A partir disso, é possível pensar as características e as motivações de membros de grupos supremacistas de forma a problematizar sua atuação, o que será discutido a partir do conceito de branquitude acrílica em Cardoso^{XII} e do crescimento dos grupos neonazistas por Dias^{XIII}.

O uso do formato dos quadrinhos se justifica por ser acessível aos e às jovens. Apesar de ser um elemento cultural que existe desde meados do século XIX, apenas em 2006 as histórias em quadrinhos passaram a fazer parte do Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE), enquanto o próprio programa existe desde 1997. Ao trabalhar a arte sequencial contextualizada a partir de um planejamento didático pertinente, os quadrinhos podem ser usados como um recurso didático com muitas possibilidades na educação histórica.

Embora a Shoah seja um evento relativamente recente, em breve não haverá sobreviventes, restando os relatos colhidos ao longo das décadas que a sucederam e os estudos referentes a eles. Não obstante, as crescentes posturas revisionistas e negacionistas geram distorções e equívocos quanto ao fato, especialmente com a expansão do acesso à internet. As

EMPATIA HISTÓRICA: O USO DA ADAPTAÇÃO EM QUADRINHOS DE O DIÁRIO DE ANNE FRANK PARA TRABALHAR A SHOAH

SILVA, C. A.

ideias eugênicas e supremacistas, que pautaram o discurso e as práticas nazistas e os ideários fascistas, encontram público fácil entre a juventude. Diante disso tudo, é importante que professoras e professores trabalhem para contribuir com o desenvolvimento da Empatia Histórica, embora essa seja uma tarefa que está para além das possibilidades de alcance do e da docente. Sendo assim, a atuação de profissionais da educação, diante do crescimento de posturas discriminatórias e violentas por parte de jovens, deve ter como base a promoção da cidadania. Isso pode ser realizado por meio da aplicação do conceito de empatia histórica, elucidado adiante.

A branquitude acrítica e o crescimento de grupos supremacistas no Brasil

No dia 26 de agosto de 2021, três alunos do nono ano de um colégio da rede privada da cidade de Criciúma (SC) foram suspensos por fazer uma saudação nazista em sala de aula. As imagens seriam de cerca de três meses antes, mas sua divulgação em rede social ocorreu posteriormente. Em março do ano de 2020, uma situação análoga ocorreu em uma turma da 3ª série do ensino médio de um colégio particular de Recife. Não obstante, apologia ao nazismo é crime no Brasil. Segundo o parágrafo 1º do Art. 20 da Lei 7.716, de 5 de janeiro de 1989, “Fabricar, comercializar, distribuir ou veicular símbolos, emblemas, ornamentos, distintivos ou propaganda que utilizem a cruz suástica ou gamada, para fins de divulgação do nazismo”^{XIV} prevê como pena reclusão de dois a cinco anos e multa.

Segundo o Art. 5 da Constituição Federal (1988), todas e todos são iguais perante a Lei, sendo garantido o direito à vida, à liberdade e à igualdade. No Art. 205 da Constituição, consta que a educação deve preparar a pessoa para o exercício da cidadania, bem como o Art. 2º da Lei 9394/96, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). O Art. 3º da referida Lei, em seu inciso IV, assegura que um dos princípios do ensino deve ser “o respeito à liberdade e o apreço à tolerância”^{XV}. O Brasil também é signatário da Declaração Universal dos Direitos Humanos, documento elaborado em 1948 justamente por causa das violências cometidas contra determinados grupos, que tiveram seu ápice no contexto da Segunda Guerra Mundial.

Segundo Cardoso^{XVI}, há dois tipos de posturas oriundas de grupos supremacistas: a branquitude crítica e a acrítica, sendo que ambas comungam um lugar de privilégios, sendo esse seu ponto em comum. Já o que distingue ambas é o fato de que a branquitude acrítica reivindica uma condição humana especial devido à sua origem étnica e racial, enquanto o branco antirracista busca censurar publicamente a obtenção de privilégios raciais.

Cardoso^{XVII} aborda a questão do crescimento e fortalecimento de organizações neonazistas e de indivíduos e grupos que compartilham pensamentos da ultradireita. A internet é seu principal instrumento mobilizador, sendo usada, inclusive, para fugir à responsabilidade penal. A ideia de superioridade branca continua assentada no argumento de diferenças biológicas. Essa branquitude acrítica pode se expressar de maneira extrema, praticando extermínios, ou, de maneira mais branda, através de discursos pretensamente nacionalistas, mas de conteúdo racista.

No Brasil, os grupos supremacistas brancos são conhecidos como *skinheads* ou carecas. Seus componentes repudiam tudo que é identificado como diferente deles. Segundo Dias^{XVIII}, não obstante a Lei 9.459, de 13 de maio de 1997^{XIX}, cresce no Brasil o número de células neonazistas. A antropóloga define o neonazismo como sendo uma série de

EMPATIA HISTÓRICA: O USO DA ADAPTAÇÃO EM QUADRINHOS DE O DIÁRIO DE ANNE FRANK PARA TRABALHAR A SHOAH

SILVA, C. A.

movimentos heterogêneos baseados em uma narrativa bidimensional assentada no elemento cultural (mítico) e no biológico (genético). A partir disso, seus adeptos cunham a noção de um povo branco em contraposição ao ‘outro’, sendo este personificado por negros, mulheres, judeus, imigrantes.

Esses grupos supremacistas, segundo Dias^{XX}, justificam seu racismo (embora geralmente não nomeiem seu preconceito como tal) a partir da ideia de um suposto genocídio branco que ameaçaria a população branca de extinção. A construção dessa narrativa, feita através de discursos de ódio, propicia o culto à violência e seu uso contra o ‘diferente’. Esses pontos elencados por Dias^{XXI} correspondem às características atribuídas por Cardoso^{XXII} à branquitude acrítica, como a ideia de que o branco é superior, a crença de que há em curso estratégias para o extermínio da população branca e o uso desse tipo de argumento para praticar ações violentas contra seus supostos inimigos.

Em comum, Dias^{XXIII} e Almeida^{XXIV} citam o negacionismo em relação ao Holocausto e também pontuaram que o crescimento e o fortalecimento desses grupos de extrema direita têm como principal veículo a internet. Em entrevista, Dias^{XXV} vai além e revela um dado que considera preocupante: no período de pouco mais de uma década entre seu mestrado e seu doutorado, os sites individuais sobre o tema migraram para fóruns coletivos, em que o diálogo fomentou as alianças de movimentos que, por sua vez, organizam manifestações, nas quais os manifestantes gritam palavras de ordem contra negros, imigrantes, homossexuais e judeus.

Ambos os estudiosos mencionam a questão da hierarquia na construção da ideia de superioridade branca. Dias^{XXVI} aponta que esses movimentos hierarquizam a humanidade ao propagar a ideia de que o homem é superior à mulher, o branco é superior ao negro, ao indígena e à comunidade LGBTI+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais, Travestis, Intersexos e mais). A questão do culto à masculinidade é abordada por Dias^{XXVII}, que, em sua pesquisa, observou o caráter misógino dos grupos, em que a mulher é vista apenas como reprodutora para a manutenção da raça branca ou ariana. Embora Almeida^{XXVIII} não trate especificamente da masculinidade, ele menciona o fato de que os membros dos grupos repudiam a homossexualidade, o que promove a adesão de negros em movimentos neonazistas.

Há que se considerar, ainda, a questão de uma suposta superioridade cultural e moral do branco em relação ao negro. Cardoso^{XXIX} aponta que brancos de classe média e alta tendem a apoiar brancos pobres que, por gozar de alguns privilégios em relação à população negra, não se identificam com ela. Morris e Treitler^{XXX} observam que a classe trabalhadora branca serve como intermediária racial nos EUA, desencorajando a união de trabalhadores brancos e negros. Na mesma linha, Souza^{XXXI} identifica essa dinâmica no Brasil, o que dificulta a construção de formas de solidariedade entre trabalhadores pobres que, ao sofrer perdas, culpabilizam os supostos privilégios que teriam sido concedidos às minorias, desfavorecendo a população branca.

A partir de sua pesquisa, Dias^{XXXII} verificou que essa ideia da perda do lugar do branco para o outro é um dos motivos que levam jovens brasileiros a aderirem ao ideário neonazista. Também são pessoas que têm problemas familiares e de relacionamento e são atraídos pelo discurso que prega a existência de um lugar natural do branco, que é o de liderança sobre outras raças. Essa identidade é legitimada pela construção de caráter mítico que agrega regras, valores, gostos, ideias e símbolos ao movimento.

A escola é o local onde convergem diversos perfis de indivíduos. Segundo Reginaldo^{XXXIII}, o racismo se impôs como crença e ideologia para garantir a manutenção de

EMPATIA HISTÓRICA: O USO DA ADAPTAÇÃO EM QUADRINHOS DE O DIÁRIO DE ANNE FRANK PARA TRABALHAR A SHOAH

SILVA, C. A.

privilégios sociais, econômicos e políticos àqueles que se consideram racialmente superiores. Segundo a historiadora, o reconhecimento dessa situação talvez seja a mais relevante contribuição intelectual da história para se combater o racismo. Parte desse trabalho deve ser realizada nas instituições de educação básica.

A Constituição Brasileira está fundamentada em princípios como a cidadania e a dignidade da pessoa humana, conforme os incisos II e III do Art. 1º^{XXXIV}. Seu Art. 205, que se refere à educação, cultura e desporto, dispõe que a educação deve visar ao pleno desenvolvimento da pessoa e prepará-la para o exercício da cidadania. Tais preceitos são compartilhados pela Lei de Diretrizes e Bases da educação. Considerando o disposto, infere-se que as instituições escolares são espaços que, segundo a legislação, devem primar por uma educação que garanta o exercício da cidadania por todas e todos. Assim, trazer o tema à discussão permite refletir sobre ele e propor ações que tenham como objetivo a busca pela superação de posturas discriminatórias e violentas. O objetivo é contribuir para o desenvolvimento da empatia histórica em estudantes por meio de uma *Graphic Novel* que possa suscitar discussões e reflexões diante do preconceito, da discriminação e de ações violentas contra grupos específicos.

Proposta didática: o uso da *Graphic Novel* em sala de aula

Acontecimentos traumáticos como a Shoah estão, cada vez mais, deixando de fazer parte da memória viva, dado o tempo decorrido desde então. Para Burke^{XXXV}, há um forte e crescente interesse popular pelas memórias históricas, especialmente sobre assuntos que costumam ser associados à Segunda Guerra Mundial. Segundo o autor, tal fato é resultado da aceleração de mudanças sociais e culturais que ameaçam identidades. Essa ameaça é catalizadora de grupos supremacistas, que vêm crescendo nos últimos anos, conforme pesquisa de Dias^{XXXVI}. A significativa adesão de jovens aos ideários adotados por esse tipo de grupo faz com que a instituição escolar, espaço frequentado por essa parcela da educação, seja um lugar privilegiado para a abordagem do tema e assuntos correlatos.

A Shoah é um evento bastante explorado pela mídia e que gera curiosidade e ansiedade em alunas e alunos diante da abordagem do tema em sala de aula. Muitas pessoas têm acesso ao assunto através de filmes, quadrinhos, memes, músicas, séries, animações e quaisquer outros meios de comunicação, através de abordagens ficcionais ou de documentários. Logo, chegam à escola com conhecimentos e ideias prévios e ansiosos para trabalhar a temática. No entanto, esse interesse não costuma ser direcionado para um entendimento histórico e crítico sobre o evento. Esse tipo de postura pode significar uma percepção equivocada sobre o passado. A Shoah, nesse caso, seria instrumentalizada como uma espécie de “‘religião civil’ das democracias ocidentais”^{XXXVII}, pois a discussão sobre ela não fomentaria o reconhecimento sobre seu potencial no nosso contexto, mas, sim, uma interpretação simplista de contraposição do bem e do mal superados no presente.

A convergência das duas situações relatadas, que são as adesões de jovens a ideários supremacistas e a leitura rasa e anedótica de um tema histórico complexo, pode ser trabalhada a partir da discussão sobre a Shoah na escola, seja no nono ano do ensino fundamental, seja na terceira série do ensino médio. Para isso, é necessário elaborar uma sequência didática que abarque esses objetivos. A presente proposta consiste em utilizar a *Graphic Novel*^{XXXVIII} da adaptação de *O diário de Anne Frank* por Ari Folman, com ilustração de David Polonsky,

EMPATIA HISTÓRICA: O USO DA ADAPTAÇÃO EM QUADRINHOS DE O DIÁRIO DE ANNE FRANK PARA TRABALHAR A SHOAH

SILVA, C. A.

como recurso didático para desenvolver as aulas sobre a temática, com o intuito de auxiliar no desenvolvimento da empatia histórica no público com que se trabalha a Shoah.

Nessa abordagem, optou-se pelo termo Shoah em detrimento do popular Holocausto porque, segundo Danziger^{XXXIX}, não é possível abarcar todos os aspectos desse evento peculiar sob uma designação única. Para ela, o termo Holocausto confere a ideia de passividade em relação ao extermínio de milhões de judeus e judias, a partir da perspectiva de um caráter voluntário associado ao seu contexto original, imbuindo de aura mística um projeto criminoso. Isso exime a análise do evento a partir de uma perspectiva histórica. O termo Shoah, por sua vez, seria menos específico e, em contrapartida, mais flexível. Embora sua origem também seja religiosa, seu significado sagrado sofreu um esvaziamento de sua conotação de expiação e castigo, levada a cabo por estudiosos do assunto. Assim, “o modo como o próprio termo é utilizado atualmente contém novos significados e, à luz de seu passado bíblico, informa experiências atuais.”^{XL}

Segundo Lee^{XLI}, a empatia histórica é uma operação mental que permite a compreensão de situações que envolvem a ação do sujeito histórico. Alunas e alunos devem ser capazes de relacionar intenções, circunstâncias e ações dos agentes estudados, observando de que forma a perspectiva desse sujeito afetou determinadas situações em contextos específicos. Para que a empatia histórica aconteça, no entanto, é necessário que alunas e alunos tenham disposição para tal. Assim, a pessoa deve entender que quem viveu em tempos diferentes não apresentavam cognição ou orientações morais inferiores, como Lee^{XLII} afirma que é comum. Elas tão somente tinham estímulos diferentes, o que fomentava ideias e determinava ações também diferentes.

O diário escrito por Anne Marie Frank foi publicado no ano de 1947 e abarca o período de 12 de junho de 1942 a 1º de agosto de 1944. Nele, ela narra sua vivência no Anexo Secreto, o esconderijo em que viveu com a família e mais 4 pessoas de origem judaica, por dois anos, até ser presa junto com todos que ali viviam. Seus manuscritos foram coletados e guardados por uma funcionária do pai de Anne, que os entregou a ele quando foi constatado que a garota, bem como todos os outros moradores do Anexo, havia sucumbido às condições a que foi exposta. A própria Anne, em nota do Diário, manifestou o desejo de publicar seus escritos após ouvir no rádio que havia interesse nesse material. Assim, no esconderijo, Anne iniciou a edição do que viria a ser publicado como O Diário de Anne Frank, mas que ela havia idealizado sob o título O Anexo Secreto.

Segundo Ghirard^{XLIII}, os autores da adaptação em quadrinhos oferecem a leitoras e leitores um texto visual novo, associando produtos semióticos para criar um espaço de reflexão e utilizam a citação visual combinando diferentes possibilidades intermidiais, dado o uso de diversas referências a outras mídias na construção imagética da obra. Conforme Jesus^{XLIV}, Folman foi convidado pela Fundação Anne Frank para adaptar a obra para a linguagem quadrinística, o que, para o autor, possibilitaria “o acesso das crianças à história de Anne e o conhecimento da intolerância com o próximo”.^{XLV}

De acordo com Santos^{XLVI}, a possibilidade do uso de HQs com função educativa necessita de maior compreensão por parte de quem deseja fazer uso delas com esse fim. Esse objeto pode ter finalidade instrutiva porque agrega uma variedade de assuntos e noções na elaboração das tramas, além de produzir efeitos de ordem psicopedagógica, que podem contribuir para o desenvolvimento de diversos processos mentais e o interesse pela leitura.

Dentre os potenciais didático-pedagógicos enumerados por Santos^{XLVII}, interessa a esta abordagem a discussão de temas sensíveis. O material empregado pode suscitar reflexão,

EMPATIA HISTÓRICA: O USO DA ADAPTAÇÃO EM QUADRINHOS DE O DIÁRIO DE ANNE FRANK PARA TRABALHAR A SHOAH

SILVA, C. A.

pesquisa e criação, ao invés de uma leitura apenas voltada para o lazer. Para o autor, ao utilizar os quadrinhos como elemento motivador para um debate, a turma poderá ter disponível um material que viabiliza a reflexão a respeito de ideias e valores. Tal característica é particularmente pertinente para um dos objetivos desta proposta, que é a discussão de temas sensíveis com o intuito de promover a prática da empatia histórica.

Nesse texto, é abordada, ainda, a questão referente à leitura analítica de histórias em quadrinhos, devido à necessidade de identificar os elementos pertencentes à linguagem quadrinhográfica, que constitui um rico repertório simbólico. Assim, o autor enumera elementos que compõem a semântica das HQs, como requadro, balão, recordatório, onomatopeias, metáforas visuais e linhas cinéticas, entre outros. O autor esclarece que o termo História em Quadrinhos agrega diferentes formas de apresentar narrativas iconográficas sequencializadas, sendo que a que interessa por hora é a denominada *graphic novel*, pois esse é o formato da obra selecionada para o pré-projeto. Quanto à análise da narrativa, os elementos que devem ser levados em consideração são os personagens, a narração, o tempo e o espaço. Eles constituem a semântica das HQs e, junto à narrativa ficcional, permitem a análise do conteúdo.

Vergueiro^{XLVIII} aborda o uso das HQs no ensino a partir de sua massificação em decorrência da indústria cultural, pois elas são um meio de comunicação em massa de imensa penetração popular, fator propiciado pela produção em escala industrial. Os quadrinhos recebem um novo status, sendo percebidos como uma manifestação artística com características particulares, o que promoveu sua percepção como objeto com potencial pedagógico, embora sua introdução como instrumento didático tenha sido lenta.

De acordo com Vilela, o uso dos quadrinhos requer cuidados e planejamento, sendo entendidas como “mais um recurso didático”^{XLIX} que pode produzir resultados satisfatórios, indo além de uma visão dos quadrinhos apenas como suporte pedagógico. Assim, os quadrinhos podem ser utilizados com a finalidade de trabalhar questões conceituais, como o tempo e suas dimensões (sucessão, duração, simultaneidade) através dos recordatórios, que são um recurso que sinaliza a passagem do tempo por meio de caixas de textos que acompanham as vinhetas, por exemplo.

Vilela^L aponta ainda para três maneiras de utilizar os quadrinhos na disciplina de história, sendo A) para ilustrar ou fornecer ideias sobre a vida social de uma determinada comunidade no passado, o que pode ser feito por meio dos quadrinhos considerados históricos; B) para servirem como registro da época em que foram produzidos, o que ele ressalta já no primeiro item, pois a obra serve também como registro da época em que foi feito, além da época que ela retrata; C) como ponto de partida de discussões de conceitos importantes para a história. O autor observa que é possível utilizar mais de uma forma na utilização de um mesmo título.

Para o trabalho com os quadrinhos, Vilela^{LI} orienta que sua análise requer procedimentos utilizados na leitura de qualquer documento histórico, tais como autores e autoras, quando e onde foram produzidas, por quem o autor ou autora fala quem é o público-alvo das tramas e sua finalidade. Além disso, o autor observa que as histórias em quadrinhos não são, necessariamente, ficcionais, podendo ser a reconstrução de memórias através de históricas biográficas ou autobiográficas, reconstituindo um período histórico específico. Considerando que essa ferramenta geralmente é utilizada para ilustrar algum conceito, ou como elemento iconográfico a ser analisado em atividades em que o contexto já foi exposto, ao trabalhar as HQs como um recurso didático repleto de possibilidades analíticas, é

EMPATIA HISTÓRICA: O USO DA ADAPTAÇÃO EM QUADRINHOS DE O DIÁRIO DE ANNE FRANK PARA TRABALHAR A SHOAH

SILVA, C. A.

necessário um caminho que oriente alunas e alunos, bem como no planejamento da aula pelos professores e pelas professoras.

A elaboração de uma abordagem que utilize a *Graphic Novel* em questão requer a disponibilidade da obra para toda a turma. No caso de escolas privadas, muitas instituições solicitam a aquisição de alguns títulos literários às famílias, o que facilita o planejamento das aulas. No entanto, é necessário observar a faixa etária que irá fazer uso das obras, pois a leitura da adaptação em quadrinhos de *O Diário de Anne Frank* recentemente foi alvo de polêmicas^{LII} no Brasil devido a um suposto conteúdo erótico, alegação contestada pela própria *Fundação Anne Frank*. Em ambos os casos, o título havia sido indicado para alunas e alunos do sétimo ano.

Esta proposta prevê a utilização com adolescentes mais velhos, na faixa dos 14/15 anos no caso do ensino fundamental, e 17/18 para o ensino médio. Em se tratando das escolas públicas, há instituições que possuem vários exemplares. Assim, se a ideia for trabalhar com a obra integral, é preciso planejar a retirada e organizar um cronograma de leitura que contemple toda a turma. Também há escolas que possuem fundos para aquisição de materiais, demandando um planejamento conjunto com a administração escolar. Também é possível trabalhar fragmentos selecionados previamente, o que viabiliza a reprodução parcial dos trechos utilizados.

O quadrinho não deve ser o único recurso utilizado, pois isso limita a compreensão sobre o tema. Considerando os recursos audiovisuais de que muitas escolas dispõem, é possível trabalhar com pesquisas, vídeos e visita virtual ao Anexo Secreto. Isso torna a experiência mais significativa, pois mostra ao público uma pessoa da sua própria faixa etária enfrentando situações complexas e, ao mesmo tempo, com um perfil observado em adolescentes, como inseguranças, conflitos familiares, curiosidade perante a sexualidade e as mudanças corporais, planos para o futuro, etc. Nesse caso, os quadrinhos podem suscitar uma identificação com a personagem histórica, observando-se o potencial pedagógico do formato, abordado anteriormente.

Há na adaptação reconstituições de época e imagens que permitem que leitoras e leitores possam compreender os espaços, especialmente o Anexo Secreto, cuja ilustração precisa fornece um panorama de sua organização, algo difícil de ser compreendido integralmente pela leitura da obra tradicional. Além disso, há muitas imagens aludindo a elucubrações de Anne, bem como de ilustrações que remetem à Guerra.

Ao tornar esse objeto um recurso didático da disciplina de história, é preciso conduzir a turma para que possa compreender aquela fonte para além da leitura por lazer. No caso da adaptação do *Diário de Anne Frank*, a passagem do tempo pode ser acompanhada pela datação progressiva, típica de um diário, que foi transposta para os quadrinhos. A partir desse recurso, é possível trabalhar em sala o processo de exclusão e violência que culminou no extermínio de judeus e judias na Europa. Outro ponto abordado por Vilela^{LIII}, a ser desenvolvido neste trabalho, é em relação à abordagem de conceitos importantes para a História, neste caso, a empatia histórica. Tudo isso deve ser contemplado na construção do plano de aula a ser utilizado na abordagem.

EMPATIA HISTÓRICA: O USO DA ADAPTAÇÃO EM QUADRINHOS DE O DIÁRIO DE ANNE FRANK PARA TRABALHAR A SHOAH

SILVA, C. A.

Considerações finais

O neonazismo é um movimento que busca diversos elementos para se reinventar. Dentre eles, Dias^{LIV} menciona a negação do Holocausto, o antissemitismo, a LGBTIfobia, o racismo e a xenofobia. Segundo a autora, no Brasil, a esses elementos vem se somar o preconceito ao nordestino. Segundo a entrevista com Dias^{LV}, até novembro de 2019, havia 334 células neonazistas no Brasil, sendo 66 delas no estado do Paraná. Diante disso, é importante que o assunto seja abordado de forma a problematizar os motivos que levam pessoas a aderirem a esse tipo de ideal. É a partir dessa perspectiva que se pretende abordar a construção da memória sobre o Holocausto na presente proposta.

Utilizar a adaptação do *Diário de Anne Frank* em quadrinhos permite trabalhar essa memória traumática do ponto de vista da adolescente Anne, permitindo a construção da empatia histórica com os e as estudantes. Para Lee^{LVI}, a empatia histórica é um conceito dotado de características particulares e relacionado ao passado histórico. A partir dela, é possível potencializar em alunas e alunos ideias contraintuitivas por meio da percepção de que as pessoas do passado pensavam e agiam de forma diferente, devido às circunstâncias em que estavam inseridas. Tendo como referência seu tempo presente, alunas e alunos tendem a entender que aquilo que faz parte de seu contexto é a norma, o que faz com que, muitas vezes, tenham um estranhamento sobre as coisas do passado.

O sujeito histórico a ser trabalhado é a adolescente, tão pouco explorado na historiografia e interesse relativamente recente de historiadores. Anne Frank é uma adolescente de 13 anos, mesma faixa etária de alunas e alunos que estudam a Shoah nos anos finais do ensino fundamental. A partir do uso da adaptação em quadrinhos do *Diário de Anne Frank*, em que há o relato em primeira pessoa de uma vítima adolescente da Shoah, o objetivo é trabalhar o conceito de empatia histórica com alunas e alunos. Esse tipo de empatia ocorre “quando sabemos o que o agente histórico pensou, quais os seus objetivos, como entenderam aquela situação e se conectamos tudo isto com o que aqueles agentes fizeram”^{LVII}. Dessa forma, é possível compreender a ação daquele sujeito no passado, compreendendo-o em um determinado contexto. A partir do disposto, é possível abordar o tema de forma a promover esta operação mental nos sujeitos.

O uso da linguagem quadrinística aqui proposto se deve ao aspecto lúdico do formato, que pode ser mais atrativo do que o formato convencional. No entanto, é preciso que professoras e professores saibam como utilizar os quadrinhos de forma eficaz na disciplina de História, a partir de um embasamento teórico pertinente, como Vilela^{LVIII}, Vergueiro^{LIX} e Santos^{LX}. Para que o objetivo da abordagem possa ser atingido, é necessário planejamento e organização, bem como o domínio dos conceitos abordados. Dessa forma, é possível estimular em alunas e alunos processos mentais que tornam a compreensão dos temas mais complexa.

É importante salientar que a recepção das discussões atinge as pessoas de formas diferentes. Segundo Lee^{LXI}, é preciso que os receptores estejam abertos à abordagem para que a empatia histórica seja suscitada. O trabalho de uma professora ou um professor, mesmo com apoio da equipe pedagógica, não tem o potencial de reverter as situações relatadas por Dias^{LXII}, pois isso demanda uma ação que vai além das possibilidades da instituição escolar, uma vez que necessita elaboração de políticas públicas. No entanto, como um espaço pedagógico e lugar privilegiado para o diálogo, a escola tem o dever de trabalhar aspectos relativos ao exercício da cidadania, visando à superação de posturas preconceituosas,

EMPATIA HISTÓRICA: O USO DA ADAPTAÇÃO EM QUADRINHOS DE O DIÁRIO DE ANNE FRANK PARA TRABALHAR A SHOAH

SILVA, C. A.

discriminatórias e excludentes, que podem culminar em ações violentas e limitação de direitos de parte de cidadãos e cidadãs.^{LXIII}

Notas

^I Mestrado Profissional em Ensino de História, Universidade Federal do Paraná, e-mail: professoracamila.clio@gmail.com. Orientação Clóvis Gruner.

^{II} (FOLMAN e POLONSKI, 2020).

^{III} (2003).

^{IV} (FOLMAN and POLONSKI, 2020).

^V (2003).

^{VI} Disponível em <https://guiadoestudante.abril.com.br/universidades/confira-os-assuntos-que-mais-costumam-cair-nos-vestibulares/>. Acesso em 13 de Nov. de 2020.

^{VII} III - Dados de 2019, onde consta que, até então, o assunto mais cobrado do ENEM (Exame Nacional Ensino Médio) era a Segunda Guerra Mundial e suas consequências, correspondendo a 13,6% do total em História Geral. Disponível em <https://guiadoestudante.abril.com.br/estudo/quais-os-assuntos-mais-cobrados-de-historia-no-enem>. Acesso em 13 de Nov. de 2020.

^{VIII} IV - Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/dados-indicam-crescimento-do-neonazismo-no-brasil/a-53985901>> Acesso em 18 de Mai. 2021.

^{IX} (FOLMAN, 2020).

^X (2003).

^{XI} (EHRlich, 2020, p. 16).

^{XII} (2010).

^{XIII} (2019).

^{XIV} (BRASIL, 1989, s.p.).

^{XV} (BRASIL, 1996).

^{XVI} Cardoso (2010).

^{XVII} (2010).

^{XVIII} (2018).

^{XIX} V - Esta Lei modifica os Art. 1º a 20 da Lei nº7.716, de 05 de janeiro de 1989, onde no parágrafo 1º do Art. 20 prevê reclusão de 1 a 3 anos e multa para quem veicular, divulgar, comercializar ou distribuir qualquer artefato que contenha a suástica ou a cruz gamada com o intuito de divulgar o nazismo.

^{XX} (2018).

^{XXI} (2018).

^{XXII} (2010).

^{XXIII} (2019).

^{XXIV} (2010).

^{XXV} (2019).

^{XXVI} (2019).

^{XXVII} (2019).

^{XXVIII} (2010).

^{XXIX} (2010).

^{XXX} (2019).

^{XXXI} (2017).

^{XXXII} (2019).

^{XXXIII} (2018).

^{XXXIV} (BRASIL, 1988).

^{XXXV} (2005).

^{XXXVI} (2019).

^{XXXVII} (ÁVILA, 2019, p. 252).

EMPATIA HISTÓRICA: O USO DA ADAPTAÇÃO EM QUADRINHOS DE O DIÁRIO DE ANNE FRANK PARA TRABALHAR A SHOAH

SILVA, C. A.

XXXVIII *Graphic Novel*, ou romance gráfico, que, segundo McCloud (2008), são publicações mais extensas e complexas do que as histórias em quadrinhos, mas que utilizam seus elementos gráficos para construir narrativas consideradas mais sérias.

XXXIX (2007).

XL (DAZINGER, 2007, p. 03).

XLI (2003).

XLII (2003).

XLIII (2019).

XLIV (2018).

XLV (JESUS, 2018, p. 07).

XLVI (2003).

XLVII (2003).

XLVIII (2006).

XLIX (VILELA, 2006, p. 106).

L (2006).

LI (2006).

LII Disponível em <https://g1.globo.com/es/espírito-santo/noticia/versao-em-quadrinhos-de-o-diario-de-anne-frank-causa-polemica-em-escola-de-vitoria.ghtml> e <https://vejasp.abril.com.br/cidades/fundacao-anne-frank-sobre-pais-que-viram-pornografia-em-diario/> Acesso em 09 Set. de 2021.

LIII (2006).

LIV (2018).

LV Disponível em <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/594557-e-preciso-soar-alar-me-sobre-a-expansao-do-neonazismo-no-brasil-entrevista-com-a-antropologa-adriana-dias>> Acesso em 12 Jun. de 2021.

LVI (2003).

LVII (LEE, 2003, p. 20).

LVIII (2006).

LIX (2006).

LX (2003).

LXI (2003).

LXII (2019).

Referências

AGUIAR, Edinalva. A Realização da Empatia Histórica no Ensino e Aprendizagem de História. **Cadernos de Pesquisa: Pensamento Educacional**, Curitiba, v. 13. N.33, p. 109-124, jan/abr, 2018. Disponível em <<https://interin.utp.br/index.php/a/article/view/815/673>> Acesso em 16 de Nov. de 2020.

ÁVILA, Arthur Lima. O fim da História e o fardo da temporalidade. *Tempo e Argumento*, v.10, n. 25, p. 243-266, 2018.

BRASIL. **Constituição.(1988).** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm. Acesso em 05 de Nov. de 2020.

_____. **Lei 9394 (1996).** Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.html. Acesso em 05 de Nov. de 2020.

_____. **Lei 8.069 (1990).** Estatuto da Criança e do Adolescente. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em 05 de Nov. de 2020

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed. 2005.

EMPATIA HISTÓRICA: O USO DA ADAPTAÇÃO EM QUADRINHOS DE O DIÁRIO DE ANNE FRANK PARA TRABALHAR A SHOAH

SILVA, C. A.

CARDOSO, L. Branquitude acrílica e crítica: a supremacia racial e o branco anti-racista. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*. Vol. 8 no. 1 ene-jun, 2010, pp. 607-630

DANZIGER, Leila. **Shoah ou Holocausto**: a aporia dos nomes. *Arquivo Maaravi: Revista digital de estudos judaicos da UFMG*, v. 1, n.1, pp 50-58, 2007.

DIAS, Adriana Abreu Magalhães. **Observando o ódio**: entre uma etnografia do neonazismo e a biografia de Davis Lane. 2018. 366f. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH). Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas. Disponível em: file:///C:/Users/WIN/Downloads/Dias_AdrianaAbreuMagalhaes_D%20(1).pdf. Acesso em 12 de Nov. de 2020.

_____. O perfil do neonazista brasileiro – uma entrevista com a pesquisadora Adriana Dias. Entrevista concedida a Débora Lopes. *Vice*. 2015. Disponível em < https://www.vice.com/pt/article/4xg3dj/o-perfil-do-neonazista-brasileiro-uma-entrevista-com-a-pesquisadora-adriana-dias > Acesso em 17 Jan. 2021.

_____. É preciso soar o alarme sobre a expansão do neonazismo no Brasil. Entrevista concedida a Edison Veiga. *Uol*. 2019. Disponível em < https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/deutschewelle/2019/11/21/e-preciso-soar-alar-me-sobre-a-expansao-do-neonazismo-no-brasil.htm > Acesso em 17 Jan. 2021.

EHRlich, Michel. **Filhos da Shoah**: memórias e significações na comunidade judaica paranaense do pós-guerra. 246 p. Dissertação (mestrado em História). UFPR, Curitiba, 2020.

GHIRARDI, Ana Luiza. **Citação visual**: cruzando fronteiras intermídiais em O diário de Anne Frank. <http://revistas.ufcg.edu.br/ch/index.php/RLR/article/view/1369/909>

JESUS, Natália Marques de. **O texto biográfico em quadrinhos “O Diário de Anne Frank”**: Uma análise. http://www2.eca.usp.br/anais2ajornada/anais5asjornadas/q_linguagem/natalia_jesus.pdf

LEE, Peter. “Nós fabricamos carros eles tinham que andar a pé”: compreensão das pessoas do passado. In: BARCA, Isabel (org.). **Educação histórica e museus**. *Actas das Segundas Jornadas Internacionais de Educação Histórica*. Braga: Universidade do Minho, 2003, p. 19-35.

MORRIS, A. & TREITLER, V. B. O estado racial da União: compreendendo raça e desigualdade racial nos Estados Unidos da América. *Caderno CRH*, 32(85), 15-31. Epub June 03, 2019.

SANTOS, Roberto Elísio. **A história em quadrinhos na sala de aula**. INTERCOM. Belo Horizonte, setembro de 2003.

SOUZA, Jessé. *A elite do atraso: da escravidão à Lava Jato*. Rio de Janeiro: Leya,

EMPATIA HISTÓRICA: O USO DA ADAPTAÇÃO EM QUADRINHOS DE O DIÁRIO DE ANNE
FRANK PARA TRABALHAR A SHOAH

SILVA, C. A.

2017. VERGUEIRO, Waldomiro. Uso da HQs no ensino. In RAMA, Ângela e VERGUEIRO, Waldomiro (orgs). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2006.

VILELA, Túlio. Os quadrinhos na aula de História. In RAMA, Ângela e VERGUEIRO, Waldomiro (orgs). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2006.